



A escola como ferramenta da luta guarani e kaiowa: educação escolar indígena a partir das experiências em *retomadas* no MS

Hildyanne Teixeira¹

Considerações iniciais

Antes do meu interesse em fazer pesquisa junto com os Guarani e Kaiowá eu era (e sou) apoiadora da luta deles pela terra e foi por meio deste caminho que me tornei mais próxima de suas realidades. A compreensão de viver em um contexto marcado pela disputa territorial me fez ver que uma das principais problemáticas a ser enfrentada por nós brasileiros é a concentração de riquezas na mão de uma pequena parcela da população. Isso se torna ainda mais problemático quando pensamos a distribuição de terras no Brasil, onde extensas propriedades ficam nas mãos de grandes latifundiários que detém, junto com as terras, muito poder político. No estado do Mato Grosso do Sul o poder econômico e político dos grandes produtores rurais atinge diretamente as populações indígenas, que vivem em pequenos territórios que não garantem sua sobrevivência, nem física, nem cultural. Entretanto, os povos indígenas no Mato Grosso do Sul não acompanharam passivamente o processo de esbulho de seus territórios e desde a década de 1980 estão organizados para terem reconhecidos os direitos de demarcação de suas terras.

No caso do Mato Grosso do Sul, onde estão os Kaiowá, a colonização desarticulou os territórios constituídos, deslocou as famílias de um lugar para colocar em outro e os recolheu dentro das reservas. Os deslocamentos forçados a que foram submetidos e o consequente confinamento (BRAND, 1997), bem como a interferência

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Sociocultural da Universidade Federal da Grande Dourados.

do Estado via órgão indigenista oficial, tiveram significativo impacto nos mecanismos próprios de organização social (BRAND, 1997; CRESPE, 2015), inclusive no que se entendia como educação.

A minha mudança para o sul de Mato Grosso do Sul me proporcionou um contato direto com os Guarani e Kaiowá, ativos na luta pela recuperação das terras identificadas por eles como tradicionais. Em confronto direto com grandes proprietários rurais, os Guarani e Kaiowá tem sofrido todo o tipo de violência protagonizada pelos fazendeiros. Os conflitos, assassinatos, perseguições e enfrentamentos, antes vistos por mim através do noticiário da região em minha cidade natal, passaram a ser acompanhados de perto, muitas vezes a poucos quilômetros de minha casa.

Cheguei em Dourados, na UFGD, procurando conhecer esse povo e compreender de maneira mais organizada o que os faziam arriscar suas vidas diariamente em nome do **tekoha**². Antes de me compreender enquanto a pesquisadora, a não índia, a **karai**, eu era uma apoiadora disposta a fazer o que me fosse possível para ajudar os povos indígenas na luta pela terra. As limitações disso, é claro, foram ficando mais claras com o passar do tempo. Em meio a isso, o curso de Ciências Sociais foi me permitindo refletir sobre modos de aliar meu ativismo com a antropologia, compreendendo a importância do papel que a antropologia poderia exercer para a luta dos povos indígenas dentro do mundo **karai** (branco), voltando esse conhecimento para o mundo dos Guarani e Kaiowá. E eu, estando na universidade, obrigava-me a utilizar esse lugar dando o meu máximo para dar visibilidade para a luta dos povos indígenas. Com o tempo fui entendendo melhor com a profundidade dos conflitos e as barreiras que me eram colocadas enquanto estudante.

Dentro das três áreas principais de Ciências Sociais, como já mencionei, a que mais me cativou foi a antropologia. E diante de meu envolvimento e da dimensão do problema envolvendo povos indígenas e grandes proprietários rurais, escolhi trabalhar com **retomadas**³. Por outro lado, ao longo do tempo na graduação o meu contato com as disciplinas da licenciatura me possibilitou perceber a importância de se falar sobre a educação dos povos indígenas, isso também se deve ao fato de os Guarani e Kaiowá estarem sempre falando sobre esse tema nas retomadas. Decidi então aliar meus dois interesses dentro da pesquisa no mestrado.

² Termo de muitos sentidos usado com frequência para se referir aos territórios tradicionais dos quais foram expulsos no processo de colonização do sul do MS.

³ Retomada é um conceito nativo. Ato de retomar algo que, na visão dos Guarani e Kaiowá lhes pertence. Se contrapõem a visão corrente de invasão, muito utilizada pela mídia local e latifundiários.

Neste sentido, esta pesquisa tem por objetivo levantar e sistematizar novos dados que dão continuidades às pesquisas em andamento sobre os Kaiowá e Guarani em retomadas. Neste caso, minha proposta é identificar como acontece a educação de crianças e jovens dentro das retomadas Guarani e Kaiowá e quais impasses eles enfrentam na efetivação de um projeto de educação escolar indígena.

Por conta do processo colonial, da perda da terra, dos impactos nos mecanismos de organização social os Guarani e Kaiowá perderam a autonomia econômica que possuíam no passado e ficaram dependentes do auxílio do estado, do trabalho fora das áreas indígenas e das escolas na cidade. Porém, atualmente, parte dos Guarani e Kaiowá, esgotados de esperar as demarcações de terra pelas vias do Estado, se recusam a viver nas reservas e procuram retornar aos territórios tradicionais dos quais foram expulsos com a chegada das ondas de expansão colonial (CRESPE, 2015). A ida para as retomadas implica também na tentativa de recuperar modos de se viver inviabilizados nas reservas, daí também a importância da escola. Além de ensinar a transitar no mundo dos brancos, a escola indígena na retomada deve também priorizar a transmissão dos conhecimentos tradicionais, importantes para a recomposição dos **tekoha** nas áreas de retomada.

Educação e retomada

Dentro da terra tradicional, a educação indígena está para além de um espaço fechado como uma sala escolar ou uma **Oga pysy** (casa de reza). A construção do aprendizado não é o jeito correto de ser Guarani e Kaiowá se dava, e ainda se dá, em várias esferas da vida, como na coleta de alimentos, na plantação e nas rodas de mate onde as crianças podem ouvir os ensinamentos dos adultos, por exemplo.

Eliel Benites ressalta a importância do aprendizado dos conhecimentos tradicionais, que tem como base a relação com o espiritual onde é possível a construção de uma identidade capaz de edificar e vivenciar lógicas e modelos de percepção de mundo, em que o sujeito kaiowá e guarani tem necessidade de uma vida coletiva, com a espiritualização do contexto social onde vive como a base fundamental de sua organização política e social. Eliel, que é professor Kaiowá, também aponta aspectos da reconfiguração da educação indígena depois do processo de recolhimento nas reservas. Em suas palavras, a influência da relação com as culturas dominantes e a interferência delas no processo de formação das identidades constrói um contexto

cultural onde o sujeito indígena deixa de focar na sua cultura tradicional; mas como estratégia de sobrevivência, coloca em ação os valores da cultura tradicional, para negociar com as outras culturas (BENITES, 2014).

Assim, o sistema educacional não deve ser entendido como algo que não se transforma, ou se tem, ou não se tem, mas sujeito a transformações que colocam em andamento novas negociações com o mundo do branco. Assim, aprender a ler, escrever, conhecer seus direitos é uma pauta importante frente aos desafios atuais, um tipo de conhecimento que pode servir como ferramenta para a luta de recuperação de seus territórios. Por sua vez, a luta pela terra procura recompor modos de vida difíceis de serem atualizados dentro das reservas indígenas. Por meio da escola, do conhecimento adquirido do mundo dos brancos, os Guarani e Kaiowa procuram enfatizar o que eles ensinam como tradicional.

Deste modo, estou entendendo o processo vivido pelos Guarani e Kaiowá como algo que, apesar de impactante e negativo para as comunidades, não é incombátível por parte dos mesmos. As lutas das retomadas e a luta pela educação nas retomadas apontam para os Guarani e Kaiowa como conhecedores de seus direitos e agentes de sua própria história, logo, não desejam serem vistos sempre como vítimas do branco, sem que nada possam fazer para frear ou transformar os impactos vindo dele.

Assim, as sociedades indígenas atuais não são frutos do imperialismo, mas de seus próprios modos de vidas, de suas relações internas e externas e das respostas desses mesmos povos às investidas desse Estado (SAHLINS, 1997). Os indígenas através de suas lutas por melhores condições de vida ao longo da história, respondiam e agiam nos silêncios da lei (CARNEIRO DA CUNHA, 2014) e assim ainda o fazem. Nas retomadas, onde as famílias reivindicam pelo reconhecimento e demarcação de seus territórios, as famílias também reivindicam pela presença da escola. Fazem isso através de demandas encaminhadas à FUNAI, ao MPF, às prefeituras municipais. O sucesso de algumas retomadas em conseguir uma escola indígena em uma área ainda não demarcada, como é o caso de Passo Piraju, ativou a demanda por parte de outras comunidades.

Assim, muitas famílias Kaiowá e Guarani que reocupam seus *tekoha* o fazem na busca de recompor a vida e a educação (escolar e não escolar) de um modo diferente do que ocorre dentro das reservas criadas pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Neste caso, a educação escolar foi imposta pelo Estado. Nas retomadas, as famílias

envolvidas no processo de recuperação dos territórios tradicionais se articulam na produção de uma escola indígena, muitas vezes realizada a partir dos poucos recursos humanos e materiais presentes na retomada. Como aponta a pesquisadora Célia Foster, dentro das reservas a ***escola não atende aos preceitos constitucionais da especificidade, dos modos próprios de aprendizagem, do direito à alfabetização na língua materna indígena. Enfim, a escola não se traduz em um espaço de autonomia e reproduz práticas arraigadas e pedagogias que não permitem transformar as situações que vivenciam*** (FOSTER, 2011; p.99). Assim, o projeto Kaiowá e Guarani pelo território vem acompanhado de um projeto de escola próprio, que procura dar conta dos desafios atuais vivenciados por estes coletivos. Ao longo da pesquisa procurarei registrar que projeto escolar as pessoas nas retomadas estão elaborando e quais impasses eles enfrentam na sua implementação. Assim, se a escola da aldeia e da cidade não agrada, qual a escola os Guarani e Kaiowá nas retomadas tem empenhado em produzir segundo a lógica do ***teko porã*** (bem viver)? De onde vem o impulso da luta para a superação de uma velha escola indígena (a da reserva) para a construção da escola de outro tipo no tekoha?

No estado do MS existem muitas famílias das etnias Guarani e Kaiowá que estão mobilizadas para a recuperação das áreas que identificam como territórios tradicionais. Inconformados com a ineficácia do Estado na resolução das demandas territoriais, estes grupos articulam os instrumentos necessários para reaver o território do qual foram expulsos pelas frentes de colonização. Depois de organizada a retomada e estarem ocupando parcialmente a área que identificam como terra tradicional, essas famílias se articulam na busca por outros direitos, como atendimento de saúde e educação. A escola se torna, nestes contextos, algo recorrentemente desejado e discutido. Em alguns casos as famílias se organizaram para a efetivação da escola dentro da terra em estudo. Por outro lado, existem situações onde a comunidade não conseguiu viabilizar uma escola indígena e as crianças precisam estudar em escolas não indígenas ou escolas de reservas próximas as retomadas. Mas em todos os casos o acesso à escola é considerado como fundamental dentro da retomada.

Apresentando a pesquisa

Diante do cenário apresentado proponho levantar dados e refletir o porquê a educação mostra-se uma esfera importante de luta dentro das pautas territoriais e quais os impasses os Guarani e Kaiowá enfrentam para efetivação deste projeto, aliando as

pesquisas sobre retomadas com as lutas pela educação indígena dentro de parte do território tradicional. Desenvolvendo pesquisas já iniciadas sobre o tema, desejo pensar em como as retomadas Guarani e Kaiowá da região de Dourados encaram e aplicam essas lutas pela educação dentro de suas terras. Desejo compreender se uma esfera engloba a outra, retomada e educação e qual o grau de importância que a educação tem para que nunca deixe de se apresentar as demandas das comunidades na luta pela reorganização de suas vidas dentro de um **tekoha**.

Para atingir os objetivos propostos pelo projeto será preciso me apoiar na leitura da bibliografia sobre território e educação escolar indígena, bem como, na pesquisa de campo. Assim, se faz necessário usar a consulta em trabalhos que tenham realizado a discussão sobre o processo de colonização do estado e como e por que os Guarani e Kaiowá têm realizado uma resposta através da retomada de territórios tradicionais. Será necessário consultar também pesquisas que trazem dados sobre a educação em contextos de reserva do MS, para entender o porquê a educação nesse espaço não acontece da melhor maneira (segundo os indígenas) para as famílias que buscam uma autodeterminação dentro de seus **tekohas**. Ainda, utilizar trabalhos realizados por pesquisadores indígenas, sobretudo Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul, para melhor pensar as dimensões do ensinar e aprender segundo a lógica do **teko porã** (modo de viver Guarani e Kaiowá), e como isso se opera dadas as condições dos territórios e escolas ocupadas por esses indígenas.

Dessa forma, unir a consulta a trabalhos teóricos com os dados levantados através da realização de trabalhos de campo em **retomadas**, tanto em lugares que lutam por um espaço físico, como por outras áreas que demandam por mecanismos para facilitar o acesso dos jovens e crianças para as escolas mais próximas. Se a retomada é um espaço onde indígenas tentam se desvincular da figura do Estado dentro da aldeia, qual o peso que a escola, seja dentro ou fora da retomada, diferenciada ou não, tem para uma retomada?

O levantamento por meio do trabalho de campo tem como objetivo obter dados sobre as famílias indígenas que vivem nas retomadas e acampamentos na região da Grande Dourados e entender sobre a relação que estabelecem com as escolas, sejam elas dentro da retomada, nas reservas próximas as retomadas, ou ainda na cidade, como é o caso de Apykaã. Para isso, selecionei três retomadas para realizar a pesquisa etnográfica, Guyra Kambyã, Apykaã e Passo Pirajú (todas localizadas na região

conhecida como Grande Dourados⁴) com o objetivo de descrever e analisar soluções encontradas quando o assunto é educação escolar. Assim, a partir destes três casos, poderei trazer diferentes experiências das famílias das retomadas com a escola. Já tive um contato prévio nas três comunidades, sendo este um dos fatores que me fizeram escolher estas áreas.

Em Guyra Kambyã, **tekoha** localizado em Douradina, próxima da Reserva indígena Lagoa Rica, tempos atrás os jovens ligados à RAJ ĩ Retomada Aty Jovem⁵, se organizavam para montar espécies de grupos de ensinamentos paralelos à escola, sobre a ñcultura tradicionalò, pois dentro da escola da cidade entendiam que não se podia aprender o necessário para um jovem indígena viver.

Já em Apykaã, situada na estrada que liga Dourados a Ponta Porã, Dona Damiana, liderança e **nhandesy**, reivindicava ajuda de apoiadores para colocar o filho Sandriel na escola. Conseguindo, em 2017, depois do último despejo em sua área ocupada por uma fazenda, matricula-lo em uma escola na cidade, próximo do local onde o acampamento de sua parentela se encontra.

Por último, em Passu Pirajú, que fica situada em um distrito a 25 km de Dourados, onde a comunidade conseguiu construir uma escola dentro da área, ainda em identificação. Sendo assim, gostaria de conhecer sobre a experiência de uma escola indígena dentro da própria retomada.

A discussão sobre educação escolar nas retomadas pode contribuir na compreensão sobre as formas que os Guarani e Kaiowá, em meio aos **silêncios das leis**, aos silêncios do Estado, concretizam suas lutas por melhores condições de existência. E porque, nesta luta, a escola tem aparecido como parte importante deste projeto.

BIBLIOGRAFIA

BENITES, Eliel. 2014. Oguata pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Teôyikue.

⁴ Grande Dourados corresponde à região do município de Dourados e mais os distritos e pequenas cidades no entorno do território. São elas: Caarapó, Deodápolis, Douradina, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados, Itaporã, Maracaju, Rio Brilhante e Vicentina.

⁵ Assembleia organizada pelos jovens Guarani e Kaiowá para organizar suas pautas em conjunto com O Aty Guasu.

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco.

BRAND, Antônio. 1997. O impacto da perda da terra obre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da PUC/RS.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2014. Cultura com aspas. 2º edição. São Paulo, Editora Cosacnaify.

CRESPE, Aline. 2015. Mobilidade e temporalidade Kaiowá: do tekoha à reserva, do tekoharã ao tekoha. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, UFGD, Dourados, MS.

FOSTER, Célia. 2014. ENTRETEMPOS: experiências de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP Araraquara.

SAHLINS, Marshall. 1997. O ñpessimismo sentimentalò e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em vias de extinção (Parte I). MANA 3(1):41-73.